

POVO DEVE SER INFORMADO DA REALIDADE DOS PROBLEMAS

30/3/81 (Monday)

— palavras do Presidente Samora Machel proferidas anteontem na Beira

Sexta-feira à noite, o Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Moisés Machel, orientou, na cidade da Beira, uma reunião de balanço em que estiveram presentes para além do membro do Comité Político Permanente, Ministro do Interior e Ministro Residente em Sofala, Mariano Matsinha, outros membros da delegação de alto nível que o Chefe de Estado moçambicano encabeçou no âmbito da Ofensiva Política e Organizacional. Falando de improviso, o Marechal Samora Machel proferiu as seguintes palavras:

Temos todos a visão comum mas ainda não compatibilizámos como é que cada um de nós sentiu o problema de ontem. Ontem foi a visita aos portos, diríamos, aos sectores ferroviários. Não fizemos ainda análise suficiente. O que vimos, o que sentimos, o que vivemos. Não fizemos ainda a análise do que está correcto, nos ferroviários, do que está errado, o que devemos desenvolver nos ferroviários. Ainda não distribuímos as responsabilidades individuais, sectoriais e colectivas. Ainda não compatibilizámos as estruturas intervenientes nos ferroviários. Por isso, não temos direito à palavra.

Gostaria de deixar a cada um dos participantes a esta reunião, a cada um dos responsáveis, a cada cidadão, a análise completa do que são os ferroviários da Beira, as suas capacidades, as suas possibilidades e o desenvolvimento que devemos fazer em conjunto com outras estruturas. Quais as estruturas que devem intervir e que não estão lá?

Desde já, diria: a Informação permanentemente deve estar nos ferroviários. E não está lá. Não sensibiliza o necessário. Primeiro, os serviços alfandegários. As transitárias. Os privados. Os transportes marítimos. Os pescadores.

O que é um porto? O que é um ferroviário? A Informação tem negligenciado esse papel. Quer que lhe venha a informação. Não procura. Não é agressiva, a nossa Informação.

As vezes não é a incapacidade e falta de iniciativa da Informação. Certas estruturas, em nome do segredo, em nome da segurança, impedem a informação. E, assim, o nosso Povo fica privado do conhecimento da importância, do valor, do que é o serviço ferroviário e qual deve ser a sua participação. Este é que é o ponto. Em nome do segredo e em nome da segurança, fazer segredo do que é público.

Muito cuidado com este aspecto. Durante a nossa guerra, tivemos sempre o cuidado do que é que é segredo, o que é que não é segredo. Há esta tendência de fazer do que é público segredo. E aquilo que é necessariamente, fundamentalmente segredo, fazer público. Ignorância!

É isto que está a acontecer na Beira. E isto traz intranquilidade, traz ilegalidade, traz apatia do Povo em relação aos seus próprios problemas. Não canaliza os problemas, porque tudo é segredo, tudo é segurança.

Por isso, ainda não fizemos o serviço necessário. É o primeiro aspecto que eu queria sublinhar aqui, do trabalho que nós vivemos ontem, em conjunto.

O segundo aspecto é que o Povo está alheio, marginalizado de todo o processo da reconstrução nacional. Um Povo sem tarefas. Por isso há marginais na cidade, vagabundos, drogados, bandidos, ladrões, assaltantes. Porque o Povo está marginalizado. Marginalizando a força decisiva, que é o Povo, nada temos de sucessos. Tudo é negativo. E porquê? Não assumimos a importância do valor político. Tudo se ve a política. É a Defesa, é o Ministério do Interior, é a Segurança, é a Informação. Todos eles representam o poder, o poder legislativo, poder executivo e poder informativo.

É necessário que o Povo seja informado por nós, não informado pelo inimigo. Se nós mentimos, o inimigo vai dizer a verdade.

Ninguém nasceu perfeito. Nascemos todos com defeitos ou, ao crescermos, ganhámos defeitos, vícios. É necessário que tenhamos coragem de reconhecermos esses defeitos, esses vícios inculcados, que constituem hoje a nossa formação, que

a FRELIMO diria «deformação». De orgulho falso. Ser orgulhoso naquilo em que se deve ser humilde.

Se nós não dizemos a verdade ao nosso Povo, em quem vai confiar o Povo? Se nós mentimos ao Povo, para salvar as aparências, para salvar o Estado... Que Estado? Estado capitalista ou revolucionário?

Por isso, esta luta entre estruturas que têm a tarefa de atingir os mesmos objectivos é constante. Parece que somos companhias, o que eu constatei ontem. Trabalhamos como companhias privadas. Concorrência entre companhias. Esquecemos o Povo. E, na realidade, quem está prejudicado é o Povo, sempre à espera que as decisões sejam tomadas. E não são tomadas, porque falta o centro coordenador, o centro que digere os interesses, as opiniões, as ideias do Povo. É isso que nós vimos ontem nos ferroviários.

Sublinho de novo. Os portos devem, em primeiro lugar, satisfazer os interesses nacionais. Servir os interesses nacionais. Em segundo lugar, produzir divisas. Terceiro, servir os nossos vizinhos. Interland. Está assumido isso tudo? Servir os interesses nacionais, servir o nosso Povo é a tarefa prioritária dos ferroviários. Fonte de divisas. Fundamentalmente, fonte de divisas. Lugar de prestígio internacional para a República Popular de Moçambique, ponto mais alto de organização, de coordenação, de direcção.

Por isso é uma exigência que nós saíamos daqui com uma direcção única dos ferroviários. São as alfândegas, é a polícia aduaneira, é tudo, seja quem for: uma direcção única. Só um é que responde. Não queremos respostas de várias bocas. Várias bocas mentem e adulteram o sentido das palavras. Um só Ministério deve responder.

Nós ainda não fizemos essa análise. Portanto, deixo ao critério de todos o que é que nós vimos. A pergunta é esta: O que é que nós vimos nos ferroviários? Quais os problemas? Causas desses problemas? Como resolvê-los? Correcto?

Não queremos adiar problemas por causa de interesses egoístas, interesses pessoais. Não necessita de coragem, isto. É uma questão de dar o martelo a uma mão só. E o martelo com um cabo comprido, para empurrar o prego.

Ontem decidimos, eliminámos a almadia. É preciso que todo o Povo saiba. Os jornalistas não publicaram isso. É uma decisão tão importante politicamente. É uma das sequelas do colonialismo em todo o nosso território onde há litoral. Zambézia. Angoche e em vários lugares.

Almadias! O que são almadias? Para proteger os interesses dos pequenos colonos. O pouco peixe que eles pescavam só servia para pagar as almadias. Não tinham lucro nenhum. E, portanto, não encorajava. Nós queremos encorajar o nosso Povo, os nossos pescadores, a pescar em forma de cooperativa, para a população. E não pagam. Organizados. Com almadias não podemos organizar os pescadores em forma cooperativa. Não podemos organizar, de nenhuma maneira. Primeiro, dinheiro para construir a almadia. Destruir uma árvore. Em segundo lugar, para comprar a rede. Terceiro lugar, para empregar pessoas e ir pescar. Quarto, vender e lucrar. Não tem gelo, não tem absolutamente nada. Já não pode vender em qualquer lugar.

Ontem tomámos uma decisão muito importante. Política. Era uma das sequelas do colonialismo. Não se referiram a isso, os jornalistas. Eu estive a ver todo o jornal.

Nos ferroviários descobrimos o segredo que é o centro das manobras. É onde está o nó de es-

trangulamento. Todo o banditismo está lá. Aquilo é um covil de bandidos. Só a presença deles ontem, o aspecto de batoteiros, drogados a discutirem. Diriam, numa das guerras de libertação no mundo, pelotão «independente». Nem do inimigo, nem da libertação nacional. Pelotão «independente». Eu deixo entre aspas isto. Vocês ponham isso. Alguém que souber e que ler, sabe isso. O sentido verdadeiro de «pelotão independente». Matam e não há comunicado. Tanto pode matar os combatentes da libertação como também pode matar o inimigo ocupante. Não há comunicado. Abastece-se roubando. E tem uma rede em toda a parte. Aquilo que nós vimos ontem lá. É nos vagões, é nas estações, é nos distritos. Aquele covil de bandidos tem rede. São organizados, eles, Vamos destruí-los.

O terceiro aspecto é o contencioso. Contencioso não sei com quem. Significa negociarmos de novo a nossa independência. Significa negociar a via de desenvolvimento económico do nosso País. Não sei se me faço entender. Contencioso económico no nosso País! Com quem?

Bem, não queremos falar mais do que isto, senão dirão «lá está o Samora. Apanhou os microfones... Mas é preciso sermos profundos. Não olhar as coisas com os olhos abertos mas cegos. Por isso dizemos: queremos ver com olhos de ver. Olhos de ver. Penetrar, compreender o fenómeno das coisas. Porque é que as coisas são assim. Ver com olhos de ver. Os olhos transmitirem ao cérebro, imediatamente, a nossa sensibilidade e sentir, vivermos as coisas. E chamar a atenção. É isso que nós chamamos ver com olhos de ver. Não é só olhar. Muitos olham, vêem, mas não é da mesma maneira. Podemos olhar a mesma parede, uns vão ver que a parede está suja e outros que está limpa; podemos olhar para a parede e dizermos que a parede é de pintura branca, outros dizerem que não, é amarela, outros não, é azul. Isto é um conflito. Os filósofos dizem assim. Dizem que não existe carro. O carro só existe nos nossos olhos. Mas, no entanto, quando querem atravessar a estrada, observam os dois lados e depois atravessam. Então, o carro existe ou não existe? É o senhor Berkeley, não é? O filósofo. Diz que o carro só existe nos nossos olhos. Mas a prática qual é? Existe ou não existe o carro? A filosofia idealista!

Este era o primeiro ponto, que não fizemos ontem, companheiros. Quisemos que todos pensassem. Uma atenção especial com todos aqueles que trabalham nos ferroviários. Quais são os problemas, para resolvermos? Utilizemos Beira como a nossa escola para a resolução de todos os problemas dos portos nacionais. Correcto? Fazemos da Beira — já dissemos isto em 1974, quando abrimos a escola do Partido — uma gota de orvalho através da qual podemos ver o brilho da lua. Dissemos essa expressão em 1974, Janeiro, quando abrimos a Escola Marxista-Leninista em Nachingweia: que esta escola seja uma gota de orvalho para iluminar o que será Moçambique independente. Agora queremos repetir aqui na Beira. Fazemos da cidade da Beira, dos portos da Beira de orvalho através da qual podemos ver o brilho do sol, o brilho da lua. Quer dizer, o que serão os portos de Moçambique inteiro.

Assumam lá isso. Beira, sobretudo os seus portos, uma gota de orvalho através da qual podemos ver o brilho da lua e do sol. Não sei se entendem bem isso. O que serão no futuro todos os portos de Moçambique. Primeiro a Beira. No sentido de organização, no sentido de disciplina, no sentido de rapidez, no sentido de rigor, no sentido de eficiência, no sentido do que é um porto de um país socialista. Coordenação, a interdependência e o envolvimento de todas as estruturas. Saber a importância do que é um porto. Vamos lá iniciar já. Não estamos aqui para aturar interesses egoístas. No sentido da importância que os portos constituem como fonte de divisas para o País. A imagem do País, a organização, a planificação, a programação, a realização.

Dois: a cidade da Beira transformou-se em cidade do mato. Onde está o Partido? Onde estão

as organizações de massas — mulheres, jovens, jornalistas? Os próprios jornalistas não criticam a cidade. Está mato. Não escrevem. Recusam ir ao espelho, porque sabem que a cara não está lada. E isso é tarefa de todos aqui. Todos os Ministérios, todos os responsáveis, todo o cidadão e todo o Povo. A cidade da Beira deve ser cidade modelo.

Há insegurança nesta cidade. Intranquilidade. Certas forças que actuam copiando as formas fascistas. O Povo não se sente bem livre. Das nove horas em diante, não passeia. Parece no tempo colonial; pior do que no tempo colonial.

Está aqui o Ministério do Interior, está aqui o Ministério da Segurança, está aqui o Ministério da Defesa. Todos disputam. «Quem é que manda?» «Mandar a quem?» «Quem é que exerce mais poder no Povo?»

Não podemos continuar com este tipo de situações aqui. Esta é a segunda cidade. Nem queremos essas formas fascistas. Os incompetentes, afastados! Polícias incompetentes, que não têm linguagem com o Povo, fora! Vai semear batata-doce.

Pôr a política no posto de comando. Educar o Povo. O nosso Povo é generoso. Muito obediente, caloroso, fraterno, o nosso Povo. Vemos aqui na Beira. Desde quarta-feira que estamos aqui, estamos a assistir a isso. Correm para todo o lugar onde nós estamos, para nos saudar.

Devemos aproveitar a guerra do Zimbabwe para corrigirmos os erros que cometemos durante a guerra de libertação. Utilizemos o Zimbabwe. Se os «boers» nos provocam, vamos corrigir mais. Os erros que nós cometemos na nossa libertação, libertação do Zimbabwe, agora havemos de corrigir muito mais. Vivemos esse problema.

Ferver água. Por que nunca tivemos cólera nas nossas zonas? Uma cidade como Beira, ter cólera! Nunca tivemos, nós. Maior do que ver água. Obrigar os soldados, depois da marcha, a tomar banho. Quem não toma banho não come. E todos apresentarem-se ao chefe: «tomei banho». Comandante, ir supervisionar o banho, que é para poderem dormir.

Depois de uma longa marcha de dez horas, carregado, quarenta e tal quilómetros. Esta senhora experimentou. Andou em Tete. Chegava a uma base e não queria tomar banho. Disseram: «não, senhora, toma banho, se faz favor». Está. Está aqui! «Estou cansada». «Toma banho, que é para descansar bem». Ficou 15 dias, 1974, não foi?

É preciso obrigar as pessoas para as boas coisas. Obrigar o Povo a aprender os bons hábitos.

Agora, ali, não há. Aquilo que eu vi ali é continuação da povoação. Nem é época dos gregos, nem mesmo quando descobriram o fogo. Não é aquela época. É anterior àquela. As vezes são daqueles indígenas — desculpem falar em indígena da pahota, quando há aquelas missas fúnebres. São músicas fúnebres.

Eu recusei ir à OMM, no ano passado. A realização da Conferência da OMM. Se nós aprovarmos, na Assembleia Popular, no Comité Político Permanente, no Comité Central, que na nossa República a poligamia é autorizada, todas elas vão aceitar, ser segundas ou terceiras mulheres. Algumas observações? Alguma coisa exagerada?

Obrigado, companheiros chefes das brigadas, que representam a vontade e os olhos de todos, o sentimento geral. Significa, termos consciência de que temos que crescer. Ainda não crescemos, mas há vontade. Felizmente há vontade. Vontade de crescer e vontade de fazer a revolução.

Em termos militares, diria: o explosivo está lá; o dinamite está lá; o detonador está lá; falta o dedo para carregar. São termos militares toda a gente compreende isto. É claro, não é? Você, que é engenheiro, utiliza isso tudo, para abrir pontes, túneis, não é verdade? Abrir estradas, montanhas, tudo isso, é preciso explosivo, dinamite, o explosor, que chamamos dinamite ou cordão detonante, e o detonador, introduzido dentro do explosivo, dinamite. Mas é preciso o dedo. Correcto?

Obrigado por esta análise que nós fizemos aqui.

Obrigado! Bom trabalho, companheiros!